

Colunista

Frans Krajcberg

**Zilda Maria Beltrão Fraletti**

graduou-se em Psicologia, mas seguiu o caminho das artes. Morou em Londres onde aprofundou seus estudos sobre o tema e trabalha como marchande há 24 anos. Fundou em Curitiba a primeira galeria de arte contemporânea, que leva seu nome. Na Lush, ela divide sua experiência e impressões a respeito do desenvolvimento de novos artistas e da constante mutação que vive o mundo das artes plásticas.

- zildafraletti@revistalush.com.br -

Muito se fala em ecologia e em defesa da natureza mas, infelizmente, as palavras são muito mais frequentes do que as ações. Poucos entre nós se envolvem profundamente com tais ideias, tornando-as reais. Entre estes raros está o artista polonês radicado no Brasil Frans Krajcberg, que fez da natureza sua vida e sua arte. Suas ações e criações falam mais do que as palavras, evidenciando a falta de respeito com que tratamos nosso planeta. As obras que realiza não se impõem apenas por seu valor artístico, que é enorme, mas também pela maneira como denunciam a inconsciência humana em relação ao meio ambiente. Krajcberg nasceu em Koziénice (Polônia) em 1921 e veio para o Brasil com 27 anos. Sua obra é eminentemente brasileira, pois foi aqui que ele despertou para sua ligação com a natureza. Certa vez declarou: "Cresci neste mundo chamado natureza, mas foi no Brasil que ela me provocou um grande impacto. Eu a compreendi e tomei consciência de que sou parte dela." >

Com o início da II Guerra Mundial, conseguiu refugio na antiga URSS e começou a estudar engenharia e artes na Universidade de Leningrado. Entre 1941 e 1945 tornou-se oficial do exercito polonês e viveu os horrores do holocausto, durante o qual perdeu toda sua família. Após a guerra ingressou na Academia de Belas Artes de Stuttgart (Alemanha). Em 1948, ajudado pelo amigo Marc Chagal, com quem morou, imigrou para o Brasil e fixou-se em São Paulo. Neste ano Francisco Matarazzo inaugurou o Museu de Arte Moderna; os dois se conheceram e Matarazzo o contratou como gerente de manutenção. Krajcberg conviveu com Volpi, Anita Malfati, Portinari, Scilar, Vilanova Artigas e Mario Zanini entre outros. A convite de Zanini entrou para o ateliê de cerâmica Osirarte, onde participou da execução dos azulejos encomendados a Portinari para as grandes obras arquitetônicas do modernismo. Krajcberg participou da 1ª Bienal Internacional de São Paulo em 1951, e no mesmo ano realizou sua primeira exposição individual. >



"Krajcberg ganhou projeção internacional com suas esculturas de madeiras calcinadas nos anos 1970. Seu trabalho tem uma dimensão ética que vai além da arte: está ligado ao mundo sem ser panfletário e literal"
- Agnaldo Farias, crítico de arte -





"O percurso de Krajcberg lembra um iceberg que, em seu caminho solitário, tem o brilho e a aura do próprio sol. A chama da vida. (...) Um tempo de compreensão e de encontro. Um tempo de sangue e de luz."

- Orlando Azevedo, trecho de texto para o livro "Frans Krajcberg A Revolta" -

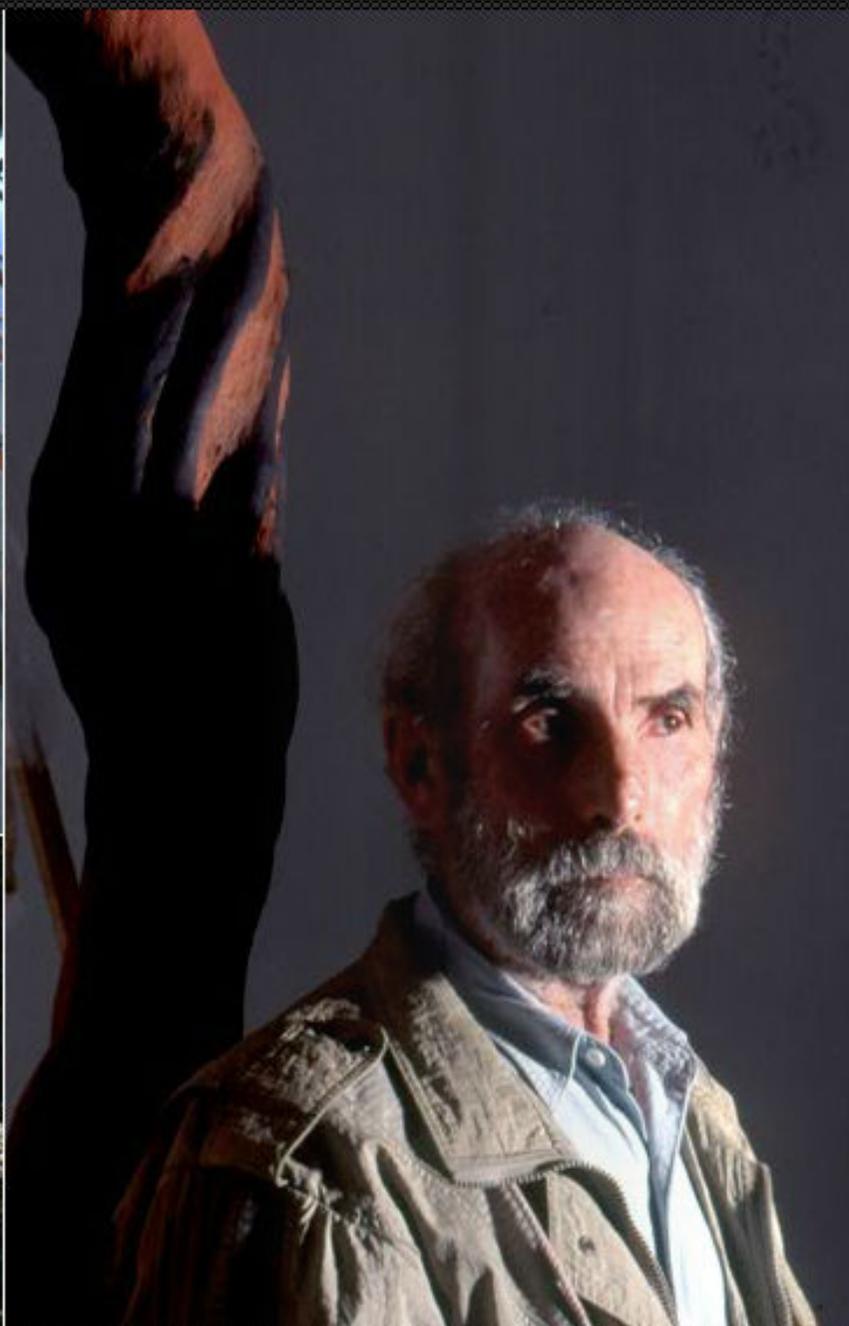
Mudou-se para o Paraná em 1952 para trabalhar como engenheiro na fábrica de papel Klabin, mas acabou deixando a fábrica e se isolou para pintar na floresta de Monte Alegre, sustentando-se pelo artesanato de ceramista. Morou no Paraná até 1956, tomando contato com a violência contra as florestas que eram queimadas pelas madeireiras sem o qualquer respeito à natureza. A indignação que sentia passou a se manifestar em suas obras. Expôs na Bienal de São Paulo de 1957, conquistando o premio de melhor pintor nacional e o primeiro prêmio do Salão de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Neste mesmo ano naturalizou-se brasileiro. A partir de 1958 mudou-se para o Rio, Paris e Ibiza. Em Paris começou a fazer seus murais monocromáticos, ou "sombras recortadas". A respeito destes trabalhos, disse ele: " Eu queria romper o quadrado, sair da moldura. A natureza ignora o quadrado: o movimento gira (...). Depois comecei a trabalhar sombras projetadas. Trabalhava à noite com lâmpadas, projetando sombras sobre uma prancha de madeira". >



Em Ibiza instalou um atelier em uma gruta; passou a ter a necessidade de sentir a matéria, não a pintura, e trabalhou com pedras e terra, realizando suas primeiras "Impressões sobre Rochas". Na Bienal de Veneza de 1964 recebeu o "Prêmio Cidade de Veneza". Artista de vasta produção, participou de grande número de mostras e exposições ao redor do mundo. Expressou-se através da pintura, xilogravura, colagem, escultura e fotografia. Desde 1972 ele mora em Nova Viçosa (Bahia) no sítio "Natura", na Mata Atlântica, onde construiu um atelier projetado em cima de uma árvore, a 7 metros do chão. Ali começou a realizar suas primeiras esculturas em madeira polida. Suas obras mais conhecidas são as esculturas realizadas com madeira queimada que recolhe nas áreas de desmatamento. Os galhos, raízes, troncos, cipós mortos pela ação do homem parecem desafiar o poder destrutivo e se apresentam belas, imponentes e cheias de vida. Fotografa as obras na praia, contra a luz. "É como se o mar as tivesse trazido", diz o artista.

Em 1986 publicou o livro de fotografias "Natura". Em 1987 Walter Salles realizou o filme "Krajcberg – O Poeta dos Vestígios". Foi nesta época que ele começou a fazer suas esculturas em troncos queimados. Em 1992 realizou a exposição "Imagens do Fogo" no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro à época da Conferência Mundial das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Em 1995 expôs sua obra na exposição individual "A Revolta", no Jardim Botânico de Curitiba, que recebeu 800 mil visitantes. A exposição, que envolveu diversos espaços da cidade em eventos culturais variados, contou com a curadoria e organização de Orlando Azevedo, que editou o livro "Frans Krajcberg A Revolta". Em 1996 abriu em Paris a exposição "Moment d'Ailleurs: photographies de Frans Krajcberg", no Parc de la Villette. >





Em 2003 foi inaugurado, no Jardim Botânico de Curitiba, o Instituto Frans Krajcberg de Arte e Meio Ambiente, espaço que passou a abrigar permanentemente obras do artista e que seria um centro de referência e excelência no que se refere às discussões travadas entre arte e meio ambiente, mas que infelizmente, por descaso das autoridades, foi abandonado. O espaço foi fechado durante um ano até que o artista solicitou a devolução das obras no ano passado. Uma perda imensa para a cidade, que deixou de ter a maior coleção de obras deste artista de importância vital no cenário internacional. O valor das obras ali expostas era maior que o do acervo de grandes museus. Mais uma triste prova de que ações são muito mais escassas do que palavras. ▲

* Todas as fotos foram gentilmente cedidas por **Orlando Azevedo**